



**O estudo das literaturas africanas no Brasil:
perspectivas contemporâneas, novos desafios***

**The study of african literatures in Brazil:
Contemporary perspectives, new challenges**

*Carmen Lucia Tindo Ribeiro Secco**

Resumo: Este artigo reflete acerca do estudo das Literaturas Africanas no Brasil desde os anos 1990. Baseia-se em ensaios de Achille Mbembe e Antonio Candido, este último defensor do papel humanizador da literatura. Enfatiza a importância da recorrência a teóricos africanos, evitando leituras eurocêntricas. Apresenta algumas das tendências atuais dos estudos africanos: o pós-colonialismo, as questões identitárias, o diálogo entre Literatura e História, as abordagens comparatistas e interdisciplinares, a correspondência entre as artes: literatura e pintura, literatura e escultura, literatura e música, literatura e dança, literatura e cinema. Conclui, ressaltando a importância crítica da Literatura, da História e das Artes, que, ao recriarem tradições locais em confronto com o presente, se oferecem como formas de resistência à perda dos laços ancestrais.

Palavras-chave: Literaturas Africanas; Brasil; História; Pintura

Abstract: The study of African Literature in Brazil. The writings of Achille Mbembe and Antonio Candido. The humanizing role of literature. The presence of African theorists, avoiding eurocêntricas readings. Other trends are: studies of postcolonialism and the identity issues, the dialogue between literature and history, comparative and interdisciplinary approaches, the correspondence between the Arts: literature and painting, literature, sculpture, literature and music, literature and dance, literature and film.

Keywords: African Literatures; Brazil; History; Painting

* Este texto foi a base da apresentação durante a mesa: "Perspectivas contemporâneas para os Estudos Africanos no Brasil", ocorrida no dia 13 de Abril na UFRJ, durante o I Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Africanos; partes dele foram publicadas anteriormente na Revista *Abril*, do Núcleo Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF, Vol. 1, nº 1, agosto de 2008, disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/279/229> Acesso em 8-4-2018 e A pesquisa sobre Literaturas Africanas e Pintura foi apoiada pelo CNPq; a atual pesquisa sobre Literaturas e Cinema Africanos são apoiadas pelo CNPq (Bolsa PQ) e pela FAPERJ (Bolsa Cientista de nosso Estado).

* Professora Titular de Literaturas Africanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: carmen.tindo@gmail.com

Em artigo recente, o filósofo camaronês Achille Mbembe alerta para o fim da “era do humanismo”; advertindo que:

Outro longo e mortal jogo começou. O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo.¹

Segundo Mbembe, as desigualdades no século XXI crescerão; um sentido competitivo regerá o mundo, colocando em tensão os sentimentos humanos e a ética.

A noção humanística e iluminista do sujeito racional capaz de deliberação e escolha será substituída pela do consumidor conscientemente deliberante e eleitor. Já em construção, um novo tipo de vontade humana triunfará. Este não será o indivíduo liberal que, não faz muito tempo, acreditamos que poderia ser o tema da democracia. O novo ser humano será constituído através e dentro das tecnologias digitais e dos meios computacionais.²

Diante das aterradoras ameaças anunciadas por Achille Mbembe, ficamos atônitos, a nos perguntar: qual o sentido de ensinar Literaturas Africanas num mundo cada vez mais individualista, consumista, racista, mercantilista?! Qual a função das artes, da literatura na época atual em que o mercado se torna deus absoluto?

Recordemos, então, algumas das lições deixadas por Antonio Cândido, que inaugurou um novo olhar da (e na) crítica literária brasileira, chamando atenção para as intrínsecas relações entre literatura e sociedade. Hoje, quando vivemos uma crise ética profunda em nosso país e no mundo, tanto na política, como na educação, na moral, e na economia, mais que nunca é preciso (re) ler Antonio Candido, cujos ensinamentos urgem ser sempre lembrados, como, por exemplo, o que evidencia laços inerentes entre literatura e direitos humanos, reivindicando a fruição da arte e da literatura para todos os cidadãos.

Os escritos de Candido sempre enfatizaram o papel conscientizador, crítico, humanizador da literatura. Para ele, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”.³ Por essa razão, a literatura não pode ser excluída dos currículos escolares dos Ensinos Médio e Superior. Temos de lutar e insistir para que os jovens brasileiros não deixem de ter acesso à literatura, à crítica literária. As obras de Antonio Candido não só alimentam a consciência política, histórica e literária, mas também despertam a humanidade, o senso da beleza estética necessários a sociedades sadias e equilibradas. No Brasil, atualmente, “tudo que é sólido desmancha no ar”... Precisamos, portanto, manter acesas vozes e pensamentos como os de

¹ MBEMBE, Achille. A Era do Humanismo Está Terminando. Revista *HIU - On-Line*. Porto Alegre: Unisinos, junho de 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> Acesso: 8/4/2018.

² *idem, ibidem*.

³ CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989, p. 122.

Antonio Candido, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, que nunca perderam a coerência política e educacional.

O ensino da História e das Literaturas Africanas no Brasil foi, quase sempre, quase nulo ou pouco incentivado, uma vez que essas disciplinas levam a um questionamento social, evidenciando injustiças cometidas no passado e no presente. Com a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e, posteriormente, com a Lei 11 546, de 19 de novembro de 2007, é que cresceu a visibilidade em relação a esses estudos sobre África, uma vez que foi instituída sua obrigatoriedade em todo o território brasileiro e em todos os níveis de ensino.

Atualmente, quando uma reforma nos currículos do Ensino Médio brasileiro flexibiliza o ensino da História e das Culturas Africanas, deixando a cargo dos estudantes cursarem ou não essas disciplinas, torna-se fundamental fazer um balanço crítico dos estudos literários africanos no Brasil e apontar a importância da literatura e das artes na formação dos estudantes para que se tornem cidadãos com consciência de si não apenas como seres políticos, mas também como seres humanos.

Inúmeros escritores das mais diversas nacionalidades valorizam o papel da literatura. Como minha comunicação versa sobre as Literaturas Africanas, trago algumas reflexões de autores de Angola e Moçambique. Pepetela, escritor angolano, vencedor do Prêmio Camões em 1997, declara:

[...] a literatura tem a obrigação de, pelo menos, dar umas pinceladas realistas da sociedade, na época em que se insere, para conhecimento dos leitores. Com isso, leva as pessoas a pensar nos problemas. Já a resolução dos problemas é da obrigação de outros sectores da sociedade, nem a literatura deve tentar entrar nessa onda. O escritor pode e deve apontar problemas, divulgar contradições, mas não tem de ser um actor social. Como cidadão poderá, mas que isso não afecte a sua obra como criador.⁴

Uma jovem poeta moçambicana da mais recente geração, Hirondina Joshua, ao ser entrevistada sobre o poder de a literatura ser capaz de romper as portas do medo, se posiciona da seguinte forma: “a literatura pode matar, assim como pode fazer viver. Depende de como a observamos e usamos, O facto é que ninguém sai de um livro como entrou”.⁵

Levantada a função fundamental da Literatura, temos, hoje, que ressaltar ser esta, bem como as demais artes, uma disciplina em interação constante com a História e outros saberes. Atualmente, as perspectivas interdisciplinares se impõem: é enriquecedor o diálogo entre Literatura, História, Filosofia, Psicanálise, Economia, Política e outras ciências.

Nos estudos africanos contemporâneos, torna-se essencial a valorização de teóricos africanos, evitando, desse modo, leituras eurocêntricas. Há já vários filósofos e historiadores africanos traduzidos, o que permite uma visão descolonizada em relação à África. Contudo, ainda muito há a fazer para se descolonizarem as mentes e mentalidades que sofreram longo processo de descaracterização e subalternidade.

Outras tendências, nos dias de hoje, em relação à abordagem da crítica literária, são os estudos do pós-colonialismo e das questões identitárias, cujos raios de ação também favorecem

⁴ PEPETELA. Entrevista a Fernanda Castro. I: Revista *Navegações* v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014. Disponível: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/.../13165>. Acesso: 10-3-2018.

⁵ JOSHUA. Entrevista “Literatura, a chave de Hirondina Joshua para abrir horizontes”, 25/10/2015. Disponível: www.sermosgaliza.gal/.../literatura...hirondina-joshua.../20151025102830041846.htm. Acesso: 10/3/18.

uma perspectiva, ou seja, um olhar descolonial, que põe sob suspeita leituras e comportamentos preconceituosos, racistas, opressores.

As abordagens comparatistas também se encontram em relevo, pois a diversidade e as leituras plurais apontam para caminhos transnacionais e translinguísticos. São recomendadas, no presente, interpretações comparadas de autores de países diversos, ultrapassando, assim, as fronteiras das línguas e nações. Não cabem mais leituras fechadas apenas na lusofonia ou na francofonia ou na anglofonia. Inocência Mata, professora de Literaturas Africanas na Universidade de Lisboa, defende, também, esse enfoque comparatista:

Durante muito tempo, os estudos literários africanos foram caracterizados por uma quase obsessão de estudo interno, longe de uma abordagem comparatista que, quando existia, se restringia aos *corpora* das literaturas dos Cinco, que, embora se reconhecesse pertencerem a sistemas culturais e geográficos diferentes, eram considerados bem próximos em termos históricos e simbólicos.⁶

Outro procedimento recorrente dos estudos africanos literários contemporâneos diz respeito ao diálogo entre as artes: literatura e pintura, literatura e escultura, literatura e música, literatura e dança, literatura e cinema. Em minhas pesquisas venho trabalhando a correspondência entre artes e, mais adiante, exemplificarei, apresentando alguns resultados de meus projetos de pesquisa.

Antes de passar a essas exemplificações, chamo atenção para um dos desafios mais recorrentes nos últimos tempos: a internacionalização dos estudos africanos, que visa à busca de parcerias, trocas e intercâmbios de alunos e docentes estrangeiros e brasileiros. Nós que trabalhamos com os países africanos devemos valorizar, principalmente, os processos de internacionalização que valorizem o eixo Sul-Sul, de modo à descolonização das visões eurocentradas. É importante que sejam firmados convênios com Universidades africanas para que haja um trânsito maior entre pesquisadores daqui e da África.

Passo, agora, a apresentar algumas das minhas pesquisas desenvolvidas. A primeira delas, desenvolvida na UFRJ de 1996 a 1999, levantou na poesia africana de língua portuguesa, fazendo dialogarem Literatura e História, as metáforas do mar, concluindo que, entre 1945 e 1975, as imagens marítimas estavam, em grande parte das produções poéticas africanas, associadas ao “mar português”, à colonização, ao tráfico negreiro. Após as independências, de modo geral, o oceano passou a ser representado com outras conotações, sendo magma da memória e da erotização identitária.

O objetivo inicial do referido projeto era investigar como se davam as articulações simbólicas da imagem marítima na poesia dos cinco países africanos de língua portuguesa. Tal iniciativa foi marcada pela originalidade, visto que, entre os mais variados estudos sobre tais literaturas, àquela época, a imagem do mar era relegada a um papel secundário ou quase inexistente, em prol de uma supervalorização da imagem da terra. Desse projeto resultou a publicação de três volumes da *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX*.⁷ O primeiro volume debruçou-se sobre a produção poética de Angola; o segundo privilegiou a

⁶ MATA, Inocência. *Literatura-Mundo em Português: Encruzilhadas em África*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca 1616: Anuário de Literatura Comparada, 3, 2013, p. 107.

⁷ SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Rio de Janeiro: Programa de Letras Vernáculas daUFRJ, 1996, 1999. v1, v. 2, v. 3.

poesia escrita em Cabo Verde; enquanto o terceiro volume reuniu poemas de Moçambique, da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe. O volume sobre Angola foi também publicado em Luanda, em 2000, pela editora angolana Kilombelombe. Essas antologias foram organizadas por mim, com ajuda de bolsistas de Iniciação Científica, e serviram de bibliografia para as minhas aulas na F. Letras da UFRJ, entre 1996 e 2000, ocasião em que ainda havia pouca coisa publicada sobre África aqui no Brasil.

Um outro projeto de pesquisa meu, intitulado “Relações entre sonhos, memórias e paisagens em meio a guerras e opressões em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau”, se ocupou de investigações sobre construções de espaços oníricos, formulações da memória e leituras da paisagem nas produções literárias angolanas, cabo-verdianas e moçambicanas, efetuando também leituras que fizeram dialogar Literatura e História.

No âmbito da Literatura em diálogo com a Filosofia, desenvolvi um outro projeto que estudou o afeto e a poesia como potências políticas transformadoras, capazes de provocarem emoções lúcidas. Com base em teorias sobre experiências que envolvem o afeto, ou aquilo que afeta profundamente o ser e a sociedade, foi organizado o livro *Afeto & Poesia. Entrevistas e ensaios. Angola e Moçambique*, publicado em 2014.

No campo da correspondência entre as artes, desenvolvi projetos que contemplaram a poesia e a pintura de Angola, Moçambique e Cabo Verde, bem como a literatura e o cinema de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau.

O projeto “Letras e telas: diálogo entre literatura e pintura em Angola, Moçambique e Cabo Verde” debruçou-se sobre as possíveis pontes dialogais entre a escrita literária e as artes plásticas, sobretudo a pintura. A pesquisa resultou numa série de publicações em catálogos de pintores dos mencionados países africanos, entre os quais: Roberto Chichorro, de Moçambique, e Jorge Gumbe, de Angola.

O projeto “Literatura e Cinema”, atualmente em andamento, analisa diferentes representações da história em obras literárias e cinematográficas dos países africanos de língua oficial portuguesa. Os momentos de culminância desse trabalho de pesquisa, em curso desde 2017, foram marcados pelas *Mostras de Cinema Africano*, realizadas pelo Setor de Literaturas Africanas nos espaços da Faculdade de Letras da UFRJ, com a presença de importantes cineastas africanos dos países estudados, entre os quais Luis Carlos Patraquim.

Nos projetos desenvolvidos, relações entre Literatura e História estiveram presentes, bem como a discussão de questões identitárias, mitológicas, entre outras. Para evidenciar como trabalho na prática a correspondência entre as artes, escolhi apresentar uma análise que explora o diálogo entre literatura e pintura, a partir do mito da kianda.

A literatura e a pintura se inserem no domínio das artes. Suas linguagens, portanto, não são referenciais, encontrando-se na esfera dos discursos metafóricos. Sendo espaços artísticos, são lugares privilegiados, locais tanto de fruição estética, como de projeção identitária. Assim, ao estudar a literatura e a pintura angolanas, é importante que os valores artísticos dialoguem sempre e estejam em constante interação com os substratos culturais implícitos na dimensão simbólica e alegórica da linguagem literária e pictórica. Tanto a literatura como as artes plásticas de um país se acham, desse modo, estreitamente ligadas a seus lugares de enunciação. Por conseguinte, fatores geográficos, históricos, culturais, antropológicos, étnicos, econômicos, políticos perpassam os discursos artísticos, estando em íntima correlação com as estruturas sócio-culturais.

Adriano Mixinge⁸, crítico angolano de arte, na introdução ao catálogo da exposição “Metáforas Angolanas” por ele organizada, cita o filósofo camaronês Jean Bidima⁹ que afirma haver uma nova geopolítica das artes africanas, onde as africanidades são entendidas como processo, sempre em travessia. O mencionado filósofo defende, desse modo, que não há uma essência africana, mas saberes locais africanos em diálogo que estão sempre se reatualizando, em permanentes movimentos e transformações. Claro que os traços contextuais de cada etnia contam, porém as matrizes identitárias se ressemantizam num presente sempre em interação com o passado e o futuro. De acordo com o pensamento de Bidima, não pode haver uma adoração mítica e cega do outrora, pois isso provocaria um imobilismo cultural. É necessário compreender que os campos metafóricos das artes em geral se encontram em entrelaçamentos intermináveis que fundem e recriam, sem parar, tradições e modernidades.

Dentre os mitos angolanos, escolhemos o da Kianda, observando como ela aparece recriada em diversos textos literários e em telas de pintura angolana. Metáfora de uma angolanidade em trânsito, essa divindade alegoriza, em vários romances atuais, o país em crise. Em *O Desejo de Kianda*, de Pepetela¹⁰, o mito é alegoricamente apropriado pelo discurso ficcional. O maravilhoso invade a narrativa e o grito rebelde de Kianda ressoa na dimensão mítica e literária. A “síndrome de Luanda” expressa o esgarçamento das utopias culturais e políticas dos tempos das lutas libertárias. Kianda, nesse livro, alerta para a perda dos elos com a ordem cósmica que regulava as tradições do imaginário popular. O lado demoníaco de Kianda posto em cena representa a poetização mitológica da realidade que se converte em reação do imaginário angolano insatisfeito com o clima de corrupção que domina a cidade e o país nessa época.

Diversas são as obras da literatura angolana que reinventam mitos das tradições locais. A Kianda também é presente em textos de Luandino Vieira¹¹, Manuel Rui¹² e outros escritores angolanos. A imagem desta divindade também aparece em poetas angolanos. João Melo¹³, por exemplo, associa, num poema, a fêmea aquática à deusa das águas de Luanda, figura mítica que, alegoricamente, representa a busca profunda de “angolanidades” submersas,

Alguns pintores angolanos atuais também operam com tecidos míticos, polifônicos que, oniricamente, oscilam entre temporalidades e memórias, recriando mitos que, por vezes, se superpõem em uma espécie de palimpsestos literários e pictográficos. Nesse sentido, literatura e artes plásticas, ao retrabalharem importantes marcas identitárias dos povos locais, se colocam como elementos engendrados de uma angolanidade plural e em processo.

Para exemplificar no campo das artes plásticas, escolhi falar de telas do pintor Jorge Gumbe, que tem uma fase onde, picturalmente, ressemantiza o universo mítico luandense relacionado à Kianda.

A água, o ar, o fogo, a terra e divindades de alguns dos sistemas mitológicos angolanos são recorrentes em sua pintura, principalmente na sua produção pós-1997, designada como “a fase dos embondeiros e das *Yàndà*”. Podemos aí depreender intensa preocupação crítica tanto em relação ao contexto angolano contemporâneo, quanto às religiosidades do imaginário ancestral.

Estruturada a partir de míticas metáforas – a dos embondeiros e a das *Yàndà* –, esta fase da pintura de Jorge Gumbe pode ser lida como uma grande oferenda estética à deusa angolana do

⁸ MIXINGE, Adriano. *Metáforas angolanas*. Paris: Embaixada da República de Angola em França, 2001.

⁹ BIDIMA, Jean-Godofroy. *Palabre, une juridiction de la parole*. Paris: Edition [Michalon](#), 1998.

¹⁰ PEPETELA. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

¹¹ VIEIRA, Luandino. *João Vêncio: os seus amores*. Lisboa: Caminho, 2004.

¹² RUI, Manuel. *Rioseco*. Lisboa: Ed. Cotovia, 1997.

¹³ MELO, João. *O caçador das nuvens*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1993.

mar, visando ao restabelecimento das energias cósmicas de Angola, cujas paisagens, tradições e raízes foram, durante séculos, obliteradas, em grande parte, por opressões, guerras e racismos.

É interessante lembrar que *Yàndà*, plural de *Kyàndà*, vem do verbo *uanda* que, em quimbundo, significa *sonhar*. A deusa angolana das águas e da vida traz, desse modo, etimologicamente expressa em seu nome a semântica dos sonhos. Estes, de acordo com crenças africanas, são formas de comunicação com o mundo ancestral dos antepassados, com as forças vitais da natureza responsáveis pelo equilíbrio do cosmo.

O culto às *Yàndà*, nas populações quimbundas de Angola é milenar, tendo continuado a existir secretamente, mesmo após a colonização, como forma de sobrevivência do imaginário mítico angolano. As *Yàndà* são entidades reguladoras de tudo que se relaciona ao oceano. Segundo Ruy Duarte de Carvalho, manifestam-se de formas diferentes: a de lençóis de luz sob as águas, formando feixes de fitas coloridas; a de patos nadando; a de pombos sobrevoando as praias, a dos gêmeos (denominados *jingongos* em quimbundo) brincando sob a sombra de embondeiros.

Ruy Duarte de Carvalho¹⁴, no livro *Ana a Manda: os filhos da rede*, chama atenção para o fato de que a *Kyàndà*, embora senhora do mar, também pode estar na terra. O embondeiro é sua árvore predileta. Seu poder é ilimitado; rege as marés, as vagas, os peixes, a pesca, a fome, as doenças e as mortes. Gosta de ser lembrada, retribuída, homenageada. Se a esquecem, retém os peixes, tornando o mar bravio e ameaçador.

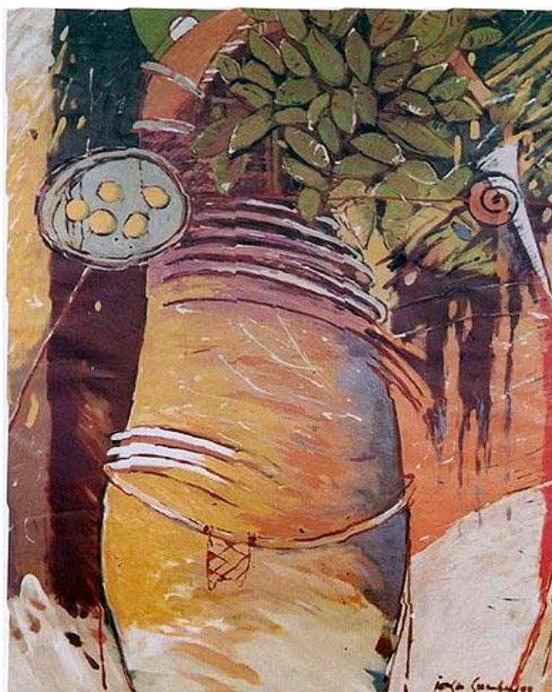
De acordo com o antropólogo Virgílio Coelho¹⁵, a *Kyàndà* é um gênio da natureza criado por *Nzàmbi* e se diferencia do mito da sereia. As *Yàndà* são apresentadas como portadoras de luz e vida, tendo coloração alva, luminosa e, por vezes, aspecto humano, tanto que, em algumas versões do mito, é descrita com uma longa cabeleira branca à volta do corpo. Na mitologia quimbunda, são consideradas entes benéficos que alertam as pessoas para os perigos vindouros. Tanto podem ser representadas por peixes como por embondeiros ou, também, pelo arco-íris e pelos flamingos (denominados *ndeles* em quimbundo), aves que metaforicamente simbolizam a esperança e o sonho, pois empurram a noite para o outro lado da Terra, de onde trazem o sol para iluminar os dias.

Nos quadros de Jorge Gumbe, frequentes espirais configuram a ideia de movimento em torno de embondeiros que, antropomorfizados, bailam com galhos para o alto. Incorporando a sacralidade própria das *Yàndà*, a pintura de Gumbe realiza plasticamente um ritual telúrico de cores e míticas ofertas. Muitas são as obras que focalizam variados ângulos de embondeiros, cuja reduplicação espelhada cria uma sensação de vertigem que, visualmente, expressa o permanente giro das *Yàndà*, entes mágicos geradores de energia vital.

A etnofilosofia angolana pode ser depreendida em várias telas de Gumbe: em *Homenagem aos Jingongos*, referência aos gêmeos míticos da tradição, espécie de andróginos primordiais, habitantes dos embondeiros – árvore sagrada da *Kiàndà* – e símbolos da própria criação:

¹⁴ CARVALHO, Ruy Duarte de. *Ana a Manda: os filhos da rede*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989. pp.284-285.

¹⁵ COELHO, Virgílio. “Imagens, Símbolos e Representações: Quiandas, Quitutas, Sereias!”: Imaginários locais, identidades regionais e alteridades. Reflexões sobre o quotidiano urbano luandense na publicidade e no universo do *marketing*. In: *Ngola* - Revista de Estudos Sociais (ASA). Luanda, v. 1, n. 1, p. 127-191, jan./dez. 1997.



*Homenagem aos Jingongos*¹⁶

Observamos, assim, que o pintor ressignifica pela arte o mundo das águas, local da harmonia plena, do branco dos sonhos, onde vivem as *Yàndà*. De acordo com crenças quimbundas, dar de comer às *Yàndà* é uma maneira de restaurar esse animismo primordial encontrado na natureza.

Na tela *Oferendas para Kiàndà*, é focalizado um típico ritual à deusa angolana do mar. Um imenso flamingo azul contracena com um embondeiro humanizado que tem braços para cima e se agita ao vento.

¹⁶ GUMBE, Jorge. Homenagem aos jingongos, 1998. Acrílico s/ tela. 120 X 100. Catálogo da Exposição *Mitos e Sonhos*, do pintor Jorge Gumbé, realizada em Luanda de 14 a 30 de setembro de 2005. Porto: Greco Artes Gráficas, 2005, p. 39.



*Oferendas para Kiàndà*¹⁷

Tanto a árvore, como o pássaro são duplos míticos da *Kyàndà* e, como ela, simbolizam os sonhos, remetendo, por conseguinte, à busca dos sentidos poéticos da vida, à paz e à leveza da imaginação criadora. No coração do embondeiro, nada uma tartaruga enorme, metáfora da ancestral sabedoria africana. Em acrobática posição, um ser humano tenta galgar uma escada para alcançar o corpo azulado e onírico do *nde*, ave que, como o arco-íris, traz a magia das *Yàndà*.

Concluindo, ressaltamos a importância crítica da literatura e das artes plásticas, pois, ao recriar tradições locais em confronto com o presente, as obras literárias e as telas se oferecem como formas de resistência à perda dos laços ancestrais, alertando para a urgência de Angola não deixar de cultivar seus mitos e sonhos.

Referências bibliográficas

BIDIMA, Jean-Godofroy. *Palabre, une juridiction de la parole*. Paris: Edition [Michalon](#), 1998.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E... Cjp* / Ed. Brasiliense, 1989, p. 122. CARVALHO, Ruy Duarte de. *Jorge Gumbe*: catálogo da exposição montada por Tirso do Amaral. Luanda: Edições Asa; Secretaria de Estado da Cultura; UNAP, 1989. p.6.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Ana a Manda*: os filhos da rede. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989. pp.284-285.

COELHO, Virgílio. “Imagens, Símbolos e Representações: Quiandas, Quitutas, Sereias!”: Imaginários locais, identidades regionais e alteridades. Reflexões sobre o quotidiano urbano luandense na publicidade e no

¹⁷ GUMBE, Jorge. *Oferendas a Kianda*, 1999. Acrílico s/ tela. 100 X 120. *Op. Cit.*, p. 42.

universo do *marketing*. In: *Ngola - Revista de Estudos Sociais (ASA)*. Luanda, v. 1, n. 1, p. 127-191, jan./dez. 1997.

GUMBE, Jorge. Catálogo da Exposição *Mitos e sonhos*, do pintor Jorge Gumbé, realizada em Luanda de 14 a 30 de setembro de 2005. Porto: Greco Artes Gráficas, 2005.

JOSHUA. Entrevista "Literatura, a chave de Hírdina Joshua para abrir horizontes", 25/10/2015. Disponível: www.sermosgaliza.gal/.../literatura...hirondina-joshua.../20151025102830041846.htm. Acesso: 4/3/18.

MATA, Inocência. *Literatura-Mundo em Português: Encruzilhadas em África*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca 1616: Anuário de Literatura Comparada, 3, 2013, p. 107.

MBEMBE, Achille. A Era do Humanismo Está Terminando. *Revista HIU - On-Line*. Porto Alegre: Unisinos, junho de 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> Acesso: 8/4/2018.

MELO, João. *O caçador das nuvens*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1993.

MIXINGE, Adriano. *Metáforas angolanas*. Paris: Embaixada da República de Angola em França, 2001.

OLIVEIRA, José António de. "A Pintura Recente de Jorge Gumbé". In: *Jorge Gumbé: catálogo da exposição montada por Tirso do Amaral*. Luanda: Edições Asa; Secretaria de Estado da Cultura; UNAP, 1989. p. 8.

PEPETELA. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. Entrevista a Fernanda Castro. I: *Revista Navegações* v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014. Disponível: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/.../13165>. Acesso: 10/3/2018.

RUI, Manuel. *Rioseco*. Lisboa: Ed. Cotovia, 1997.

SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Rio de Janeiro: Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 1996, 1999. v 1, v. 2, v. 3.

_____. *Afeto & poesia*. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

VIEIRA, Luandino. *João Vêncio: os seus amores*. Lisboa: Caminho, 2004.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Agosto de 2018.